

**PROGRAMA EDUCAÇÃO POPULAR DE JOVENS E ADULTOS: PROCESSO DE
INCLUSÃO ESCOLAR E SOCIAL DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO POPULAR
PAULO FREIRE-NEP-UEPA**

Ivanilde Apoluceno de Oliveira
Universidade do Estado do Pará

Objetivo Geral:

Desenvolver estudos e atividades educativas na área da educação popular com pessoas jovens, adultas e idosas em ambientes hospitalares e periféricos de Belém e em comunidades rurais-ribeirinhas do Estado do Pará, visando sua inclusão social e educacional.

Objetivos Específicos:

- Contribuir, por meio da oferta de turmas de alfabetização, para a inclusão social de pessoas jovens, adultas e idosas de áreas periféricas de Belém e rurais-ribeirinhas do Estado do Pará, incluindo grupos específicos com pacientes de hospitais e de pessoas da terceira idade;
- Possibilitar aos alfabetizandos a sua inclusão no sistema formal de ensino;
- Viabilizar, por meio das práticas educativas com pessoas jovens, adultas e idosas, a construção de novas metodologias de ensino e a produção de material didático;
- Possibilitar aos docentes e discentes dos diversos cursos da UEPA e de outras Instituições Educativas formação continuada, por meio de estudos e práticas pedagógicas com pessoas jovens, adultas e idosas;
- Fortalecer os vínculos da universidade com as comunidades locais, visando à efetivação de práticas pedagógicas significativas, que atendam às necessidades sociais e educacionais de jovens, adultos e idosos no contexto social e econômico atual.

Justificativa

O Núcleo de Educação Popular Paulo Freire - NEP, vinculado ao Departamento de Filosofia e Ciências Sociais do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará, desenvolve ação educativa interdisciplinar que possibilita tanto a formação contínua de educadores e educandos dos diversos cursos do Centro de Ciências Sociais e Educação (Pedagogia, Formação de Professores, Ciências da Religião e Matemática) e do

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (Terapia Ocupacional), como a reflexão-ação sobre o contexto social e educacional, integrando a Universidade e os diversos segmentos populares de áreas periféricas do Município de Belém (Ambientes hospitalares e Centros Comunitários) e do interior do Estado do Pará (Comunidades Rurais e Ribeirinhas).

O Núcleo possui dois Programas: (1) *Educação Popular de Jovens e Adultos: Processo Social de Inclusão Escolar e Social* e (2) *Educação Popular, Educação Infantil e Escolarização Básica* que atendem crianças, jovens, adultos e idosos.

Esses Programas visam firmar o papel da Universidade como instituição de reflexão-ação em sociedade, compreendendo-se que a ciência só tem sentido quando contribui para o crescimento pessoal e social da população. Nesta perspectiva, a função da Universidade consiste em colocar os seus saberes e as suas práticas de ensino, pesquisa e extensão à disposição da maioria da população excluída dos benefícios culturais da sociedade. A educação popular tem que estar presente no âmbito de suas reflexões, práticas e investigações e a escolarização das camadas da classe popular transforma-se numa de suas questões centrais.

Além disso, o Núcleo de Educação Popular Paulo Freire – NEP vem sendo referência na Universidade do Estado do Pará como espaço de formação de educadores por meio do trabalho comunitários educativos em ambientes urbanos e rurais, pela produção de conhecimento proveniente da reflexão e investigação das práticas sociais da população envolvida e pelo aprofundamento teórico que subsidia ação pedagógica e os estudos realizados. O Núcleo vem sendo também referência, principalmente por meio do seu Programa Educação Popular de Jovens e Adultos, em seu papel de fomentador da produção de conhecimento, de prestador de serviços à comunidade, especificamente aos segmentos populares, e à formação de educadores para atuarem frente às problemáticas educacionais e sociais do Estado e da Região Amazônica.

Referência Conceitual

O pensamento educacional de Paulo Freire norteia predominantemente o projeto pedagógico, as práticas educativas e as pesquisas realizadas pelo Núcleo. De sua concepção de alfabetização são definidas as diretrizes das práticas alfabetizadoras com as pessoas jovens, adultas e idosas.

A alfabetização é conceituada por Paulo Freire (1982, p.21) como «a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral», cuja montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando, já que este tem uma tarefa criadora. O alfabetizando está inserido num processo criador como sujeito do conhecimento. Como sujeito cognoscente o alfabetizando está em constante processo de aprendizagem que extrapola os limites da escola.

A leitura está presente em toda a nossa vida social porque existe uma leitura de mundo, fruto da experiência da vida cotidiana e que antecede a leitura da escrita. Considera Freire (1982, p.11) que «a leitura do mundo precede a leitura da palavra», isto significa que antes de adquirirmos a aprendizagem da palavra escrita temos um conhecimento da realidade aprendido na vivência cotidiana das práticas sociais.

Historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e a seguir escreveram as palavras. (...) Os seres humanos não começaram por nomear A! F! N! Começaram por libertar a mão e apossar-se do mundo» (FREIRE, 1990, p. 17).

O apossar-se do mundo pelas suas ações faz com que adquira uma leitura de mundo baseada nas experiências de vida. Por isso, para Freire, «o ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra». (1990, p. 17).

Assim, em nossa relação com o mundo nos comunicamos através da palavra oral e da escrita, utilizando diferentes símbolos culturais. A leitura da palavra escrita é uma forma de comunicação (codificação e decodificação) entre os seres humanos em suas práticas sociais. Neste sentido, o leitor é o receptor da comunicação feita pelo escritor/comunicador.

Neste mundo cultural humano fazemos leitura de livros, revistas, rótulos, cartazes, embalagens etc. Vivenciamos no cotidiano social formas diversas de comunicação simbólica utilizando-se a escrita da palavra como referência do processo de conhecimento, constituindo-se, também, esse conhecimento em uma forma de poder. No mundo contemporâneo os que não possuem o domínio da palavra escrita proveniente de um processo de escolarização sofrem discriminação e exclusão social.

A leitura da palavra escrita é um ato de conhecimento que possibilita homens e mulheres conhecer a realidade e a produção cultural historicamente construída por meio da expressão escrita. Assim, por meio da palavra escrita são partilhados sentimentos,

pensamentos e interesses, apresentados outros lugares, tempos e culturas, permitindo-nos sonhar e ajudando-nos a pensar.

A leitura da palavra escrita está presente em todos os níveis educacionais. E o saber expresso pela escrita especifica o espaço e a educação escolar. Saber escolar que representa o discurso verdadeiro, legitimado pela verdade da ciência. Saber que expressa no livro, no lápis e no caderno símbolos de um ritual educacional.

Neste sentido *ensinar a ler é mais do que simplesmente juntar letras*. Como explica Rubem Alves (2003, p. 01)

Tudo começa quando a criança [ou jovem e adulto] fica fascinada com as coisas maravilhosas dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a estória. A aprendizagem da leitura antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê e a criança [ou jovem e adulto] escuta com prazer. “Erotizada” – sim erotizada! – pela leitura ouvida, a criança [ou jovem e adulto] se volta para aqueles sinais misteriosos chamadas letras. Deseja decifrá-los, compreendê-los – são a chave que abre o mundo das delícias que moram no livro!

A leitura de mundo e da palavra escrita para Freire tem que ter uma dimensão crítica. O leitor não-crítico «funciona como uma espécie de instrumento do autor, um repetidor paciente e dócil do que lê. Não há nesse caso uma real apreensão do significado do texto, mas uma espécie de justaposição, de colagem, de aderência». A leitura crítica é aquela em que o leitor se assume como sujeito desvelador do texto. Nesse sentido, «o leitor crítico é aquele que até certo ponto “reescreve” o que lê, “recria” o assunto da leitura em função de seus próprios critérios» (FREIRE, 1985a, p. 113).

A leitura crítica desvela «problemas, fatos, razões de ser, etc., cada vez mais permitem a nucleação dos textos de leitura. Neste sentido, ela é ato de conhecer não só o texto que se lê, mas também de conhecer através do texto» (FREIRE, 1985a, p. 114).

Para Freire (1986, p. 22):

Ler é reescrever o que estamos lendo. É descobrir a conexão entre o texto e o contexto do texto, e também como vincular o texto/contexto com o meu contexto, o contexto leitor.

A leitura crítica pressupõe ao leitor dialogar com o texto, estabelecer relações entre o contexto do autor e o seu contexto, problematizando e reelaborando o lido, ou seja, requer o perguntar, o questionar sobre o que se lê. Não aceitar simplesmente o que se lê.

Através do diálogo crítico sobre um texto ou um momento da sociedade, tentamos penetrá-lo, desvendá-lo, ver as razões pelas quais ele é como é, o contexto político e histórico em que se insere (FREIRE, 1986, p. 24-25).

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura do esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haverá criticidade sem a curiosidade que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando algo a ele que fazemos (FREIRE, 1997, p.35).

Os textos lidos podem tanto esclarecer, explicar, libertar quanto confundir, mascarar ou oprimir. Além disso, o mundo globalizado envolve uma rede de informações e de conexões, que nos coloca diante de um novo desafio, saber ler esse mundo complexo, informatizado, multimídia, excludente e plural. Por isso a necessidade da reflexão crítica no ato de ler esse mundo.

Na visão de Freire

O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem, são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo (2000, p. 102).

A crítica viabiliza a necessária disciplina intelectual ao fazer-se perguntas ao que se lê, ao que está escrito, ao livro, ao texto e aos contextos do autor e do leitor. Assim, pode-se ter um texto crítico que apresente uma leitura ingênua e um texto ingênuo com uma significativa leitura crítica, que reescreve e supera a ingenuidade do texto (FREIRE, 1986 e 1985a).

A leitura crítica, então, tem uma *dimensão humanista*. Ela possibilita «transformar você em mais você» (SILVA, 1979, p.69). Viabiliza homens e mulheres serem mais, serem sujeitos, capazes de exercerem a cidadania.

Se ler é buscar criar a compreensão do lido, o ensinar a ler é “engajar-se numa experiência criativa em torno da *compreensão*. Da compreensão e da comunicação” (FREIRE, 1993a, p.29), que pressupõe, também, uma interação com a leitura anterior do mundo. Aprender a ler não é apenas aprender a decodificar letras e palavras, mas apreender o seu sentido e significado em um dado contexto. Neste sentido, a questão não é impor aos alunos numerosos capítulos de livros, mas exigir que os alunos enfrentem o texto seriamente (FREIRE, 1986).

Passa a ser importante que o/a educador/a ensine aos educandos a perguntar, a problematizar, não recebendo os conteúdos prontos, acabados.

Uma educação de perguntas é a única educação criativa e apta a estimular a capacidade humana de assombrar-se, de responder a seu assombro e resolver seus verdadeiros problemas essenciais, existenciais. E o próprio conhecimento (FAUNDEZ, 1985b, p. 52).

No ensino crítico é fundamental ensinar o educando a ler, sendo importante:

- 1) *Uma atitude positiva frente à leitura.* Conscientização de que a leitura contribui para o autodesenvolvimento pessoal. A educação é um contínuo vir-a-ser e a leitura faz parte da formação humana. Educação-leitura-cultura deve acompanhar a formação pessoal na vida social e escolar dos indivíduos;
- 2) *O desenvolvimento do hábito de leitura.* Dedicção a leituras seletivas e críticas, não restringindo as leituras recomendadas pelo professor. É importante que o aluno acostume-se a ler.
- 3) *A consulta à fonte primeira.* Consulta a livros e não a recortes apostilados. É importante que não se julgue «a dificuldade de uma leitura pela grossura do livro, mas sim pela riqueza de idéias que o livro contém»;
- 4) *A Reflexão sobre o material escrito proposto.* Transcender o utilitarismo da leitura para apenas «passar na prova». Não se contentar em simplesmente compreender as idéias de um autor e devolvê-las exatamente da mesma maneira. É importante a análise crítica, não sendo «leitor de um texto só», adquirir o hábito de comparar (SILVA, 1979, p. 71 e 72).
- 5) *Apropriar-se dos instrumentais necessários ao desenvolvimento da leitura crítica,* por meio da consulta a dicionários etimológicos, filosóficos, etc.

Aprender a ler criticamente exige, então, tempo para o diálogo, para a problematização e apreensão do significado das palavras no texto e em seu contexto, não se enquadrando nas exigências atuais da sociedade regida pela lógica do mercado, da leitura de slogans, de imagens e de textos fragmentados.

Paulo Freire considera, portanto, a alfabetização como:

- Ação criadora e fundamental para a vida do ser humano e do cidadão.
- Leitura crítica do mundo e da palavra

Alfabetizar significa:

- *dar voz ao sujeito*, viabilizando a sua participação crítica na sociedade, desenvolvendo elementos da sua subjetividade: a criatividade, a curiosidade e a criticidade.
- *olhar para as necessidades de desenvolvimento integral da pessoa humana.*

Alfabetizar pressupõe:

- *o respeito ao saber* das pessoas explicitado na sua leitura de mundo, da sua realidade existencial e social.
- *o respeito à identidade cultural* de crianças, jovens, adultos e idosos.

Alfabetizar implica em direcionar-se ao ser humano, ao seu potencial educativo, como ser:

- *pensante*, por organizar o seu pensamento;
- *falante*, por expressar a sua visão de mundo;
- *curioso e investigativo*, por buscar conhecer, questionar e compreender o mundo
- *produtor de conhecimento*, criador de novas idéias e conhecimentos.
- *leitor do mundo*, da palavra e da escrita;
- *crítico* e agente de transformação social.

Alfabetizar para a escrita e a leitura crítica implica em compreender:

- a alfabetização como um *sistema de representação em permanente evolução histórica*.
- a alfabetização como *processo de simbolização* (a pessoa vai percebendo o que a escrita representa no próprio desenvolvimento da alfabetização).

Alfabetizar implica em compreender a alfabetização como um sistema de representação em permanente evolução histórica. A alfabetização não pode ficar restrita ao processo de codificação e decodificação de sinais gráficos, mas compreendida como processo de simbolização, ou seja, a criança vai percebendo o que a escrita representa no próprio desenvolvimento da alfabetização (TFOUNI, 2000).

A alfabetização implica reconhecer o ponto de partida da leitura do mundo, implica pensar em que níveis a leitura do mundo está se dando ou quais são os níveis de saber que a leitura do mundo revela e a partir do aprendizado da escrita e da leitura da palavra que se escreveu, voltar agora, com o conhecimento acrescido, a reler o mundo (FREIRE, 2001, p. 137).

O movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo evidencia ser o conhecimento um processo de relação homem e mundo. Um processo de relação social e política.

A alfabetização proposta por Freire centra-se no ser humano como ser gnosiológico, que se sabe inacabado e por isso busca o conhecimento. É um ser que estabelece relações com o mundo. E como "ser de relações" estabelece uma comunicação, um diálogo com os outros homens.

Não se traduz a alfabetização em um ato de transmissão do saber, em ato de depositar informes nos educandos nem o esforço de adaptá-los ao meio. É um ato de conhecimento em que ambos, educador e educando atuam como sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo mundo.

Toda prática educativa implica sempre a existência de sujeitos, aquele que ou aquela que ensina e aprende e aquele ou aquela que, em situação de aprendiz, ensina também, a existência do objeto a ser ensinado e aprendido - a ser reconhecido e conhecido - o conteúdo, afinal. (FREIRE, 1993b, p.109).

Neste sentido, Freire relativiza o saber, já que ninguém sabe tudo e ninguém é ignorante de tudo, colocando o conhecimento em constante superação. Essa relativização do saber na prática pedagógica se traduz pela valorização do conhecimento do aluno e do saber popular, desmistificando o poder absoluto do conhecimento científico em detrimento do saber popular. O que implica, também, numa prática alfabetizadora democrática veiculada pelo diálogo e num compromisso político com as classes populares.

O diálogo em Freire (1983) é compreendido como o momento em que os seres humanos se encontram para conhecer e refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem. Neste sentido, adquire conotação existencial, metodológica e política, na medida em que possibilita ao educador e aos educandos serem sujeitos capazes de compreenderem a realidade, problematizá-la e modificá-la.

A prática alfabetizadora dialógica e democrática implica em «reconhecer nos outros o direito de dizer a sua palavra» e estabelecer ações concretas que permitam a participação do outro no processo educativo.

Segundo Freire (1982, p. 30-31):

Quem apenas fala e jamais ouve; quem 'imobiliza' o conhecimento e o transfere a estudantes, não importa se de escolas primárias ou universitárias; quem ouve o eco, apenas, de suas próprias palavras, numa espécie de narcisismo oral; quem considera petulância da classe trabalhadora reivindicar seus direitos; quem pensa, por outro lado, que a classe trabalhadora é demasiado inculta e incapaz, necessitando, por isso, de ser libertada de cima para baixo, não tem realmente nada que ver com libertação nem democracia.

A alfabetização, desta maneira, não é neutra, mas essencialmente política. Há um papel político na educação com a formação e a libertação do ser humano que se situa num contexto social, histórico e político determinado.

A educadora é política. Em conseqüência é imperioso que a educadora seja coerente com sua opção, que é política... que a educadora seja mais competente cientificamente o que a faz saber o quanto é importante conhecer o mundo concreto em que os alunos vivem. A cultura em que se acha em ação sua linguagem, sua sintaxe, sua semântica, sua prosódia, em que se vêm formando certos hábitos, certos gostos, certas crenças, certos medos, certos desejos não necessariamente facilmente aceitos no mundo concreto da professora (FREIRE, 1993a, p.97).

A relação do educador com a realidade contextual do aluno na perspectiva freireana é a de não apenas conhecer o contexto dos alunos para o melhor exercício da atividade docente, mas, sobretudo, para aprender, adquirir conhecimentos por meio desta relação. Essa relação mútua de aprendizagem por parte dos educadores e educandos constitui um dos pontos básicos para a efetivação de uma prática educativa democrática.

Nesta perspectiva, a alfabetização deve ser vista como um “meio que compõe e afirma os momentos históricos e existenciais da experiência vivida que produzem uma cultura subalterna ou vivida” Por isso, “ser ela um fenômeno eminentemente político e deve ser analisada dentro do contexto de uma teoria de relações de poder e de uma compreensão da reprodução e da produção social e cultural”(MACEDO, 1990, p.90)

A alfabetização em Freire dimensiona-se pela leitura crítica do mundo e da palavra, sendo um ato de conhecimento, um ato criador e um ato político, cuja prática alfabetizadora pressupõe o respeito ao educando como sujeito do conhecimento e como leitor, que chega ao ambiente educativo com uma leitura de mundo que antecede a leitura e a escrita da palavra. Leitura de seu mundo existencial, social e cultural. E essa leitura de mundo vai estar sempre presente na sua relação com o espaço alfabetizador e com o saber escolar.

Desta forma, trazer temas do cotidiano social do educando leitor para serem problematizados e trabalhados pedagogicamente no ambiente alfabetizador passa a ser fundamental para que na interação com a sua leitura de mundo aprenda a ler a palavra escrita, de forma significativa e crítica.

O ambiente alfabetizador é um espaço de convivência e de leituras de revistas, livros, figuras, imagens e símbolos possibilitando manifestações de diferentes formas de linguagem e de manifestações culturais. A leitura e a escrita da palavra tem que estar contextualizada no mundo do leitor e na história da humanidade, interagindo a cultura local com a cultura

universal, cujas relações serão mediadas pelo diálogo entre as subjetividades no espaço alfabetizador.

Assim, ler o mundo e a palavra escrita faz parte do viver cotidiano social e escolar do educando leitor e o trabalho pedagógico alfabetizador não pode distanciar-se desse caminho de interagir de forma crítica as leituras de vida e a leitura da palavra escrita.

Tendo como referência essa visão alfabetizadora Freireana o NEP estabeleceu como diretrizes pedagógicas:

- o *diálogo* nas dimensões metodológica, política e existencial permite a comunicação entre os sujeitos do conhecimento, o direito de todos de dizerem a sua fala, a interação entre os saberes, a plena realização da condição humana, a problematização coletiva das situações existenciais e sociais, e outras.
- a *oralidade* apresenta-se como fonte de expressão do ser humano sobre o seu existir, o seu saber experienciado e a sua cultura. O educando tem que ser estimulado a falar e expressar sua visão de mundo, rompendo com a cultura do silêncio e o autoritarismo da relação tradicional professor/aluno.
- a *pergunta* como fonte do conhecimento humano.
- a *críticidade*, que possibilita ao educando problematizar a realidade social e explicitar a “razão de ser” dos fatos, ao se estimular a curiosidade e o ato de perguntar. O educando tem que ser incentivado a perguntar, a problematizar a realidade social em que vive.
- a *autonomia*, o educando tem que ser *sujeito da ação educativa*, participar ativamente na construção do conhecimento, sendo o educador o orientador. Assume sua condição de *sujeito histórico* buscando instituir uma sociedade democrática.
- o *respeito à diferença*. O educador deve promover ações educativas individuais e coletivas estimulando a *solidariedade* e a convivência democrática e coletiva em sala de aula.
- a *práxis*, como processo dialético permanente de reflexão-ação sobre o fazer educativo.

- a *rigoriedade* é compreendida não como intransigência/inflexibilidade e espontaneísmo e sim como uma educação engajada, que implica no compromisso ético-político-pedagógico com as classes populares e com a transformação social. Esse compromisso se expressa no *que-fazer* educativo através da rigoriedade metódica.

Metodologia

A formação das turmas de alfabetização consta de 04 momentos:

- a) *pesquisa sócio-antropológica* para verificar a demanda local, o levantamento do universo vocabular e o contexto social e educacional das comunidades envolvidas no Projeto;
- b) *organização das turmas*, contendo a fase de planejamento das atividades educativas, envolvendo comunicação e o apoio das entidades pertencentes às comunidades locais;
- c) *formação de alfabetizadores* e de educadores que desenvolvem assessoramento pedagógico;
- d) *assessoramento e acompanhamento pedagógico* aos alfabetizadores nas turmas de alfabetização e no processo de inclusão dos alfabetizados nas redes de ensino, incluindo a avaliação das ações executadas.

A *pesquisa sócio-antropológica* é realizada pelos educadores do Núcleo de Educação Paulo Freire – NEP, envolvendo, também, pessoas das comunidades locais. Utiliza-se uma ficha roteiro para a realização das entrevistas e levantamento dos dados necessários à formação das turmas.

As *turmas de alfabetização* são formadas em comunidades periféricas, hospitalares, ou rurais-ribeirinhas, por educadores locais, no máximo 40 pessoas por turma.

O trabalho pedagógico é realizado com base em diretrizes freireanas como o *diálogo*, a *oralidade* e o *perguntar*, entre outras, visando atender aos seguintes objetivos:

- a) *sócio-políticos*: ampliar as trocas de experiências e de ajuda mútua entre os sujeitos em sala de aula; possibilitar o conhecimento crítico da realidade e as relações de poder no uso

social da linguagem, com debates sobre o contexto social e cultural local e nacional; ampliar as experiências de participação coletiva e laços de solidariedade entre os atores educacionais.

b) *afetivos*: possibilitar a construção pelos alfabetizandos de sua própria identidade, com a valorização de sua história pessoal; viabilizar o desenvolvimento da criatividade, expressividade e a sensibilidade estética dos educandos, permitindo-lhes dizer a sua palavra e falar na sua variedade lingüística.

c) *cognitivos e psico-motores*: possibilitar aos educandos a construção do conhecimento da leitura e da escrita; o acesso à variedade lingüística (a oralidade, a escrita e a leitura), aos principais conceitos e operações matemáticas e aos estudos sociais; viabilizar no educando o desenvolvimento de movimentos corporais básicos, expressivos, estéticos e interpretativos.

A metodologia apresenta-se como *dinâmica, interdisciplinar e com flexibilidade curricular*, tendo como referência a análise contextual de temas e palavras geradoras extraídas de atividades criadoras desenvolvidas com os educandos no ambiente educativo;

Com a utilização de recursos pedagógicos alternativos, como jornais, revistas, embalagens, cartazes, rótulos, etc., procura-se desenvolver a criatividade e atividades motoras e o desenvolvimento de habilidades cognitivas, estimulando-se a produção de murais, textos coletivos, entre outros que possibilitem articular o saber cotidiano e o saber escolar. Além de livros, o produzido pelos educandos em pesquisas e jornais, incluindo os textos individuais e coletivos são utilizados como instrumental de leitura e escrita, e de análise do contexto sociocultural.

O *planejamento e a avaliação* das atividades são semanais e a avaliação da aprendizagem dos educandos de forma processual, por meio do registro em fichas e em cadernos do acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos educandos, observando-se: a criatividade, iniciativa, raciocínio lógico, senso crítico, desempenho na expressão escrita e oral, responsabilidade e socialização. A avaliação é feita por registro de conceitos e não por notas.

O trabalho de *formação dos docentes* é realizado por educadores do Programa de Educação Popular de Jovens e Adultos, inicialmente antes da constituição das turmas de alfabetização e posteriormente, caracterizada por uma formação em processo, uma vez por semestre, sempre nos finais de semana, em Belém e nos Municípios atendidos pelo Projeto.

Os alfabetizadores capacitados são os que atuam nas turmas de alfabetização, ampliando-se a formação para professores (as) das redes de ensinos e discentes de cursos da UEPA nos Municípios de atuação do Projeto.

Na formação são ofertados cursos, oficinas e palestras, tendo como base a educação popular freireana. Grupos de estudos locais também são constituídos para fomentar a capacitação teórico-metodológica dos alfabetizadores de jovens e adultos.

O trabalho de Assessoramento e de Acompanhamento das turmas é realizado pelo grupo de formadores do Programa de Educação de Jovens e Adultos, uma vez por semestre, tendo como objetivo contribuir com as atividades pedagógicas, tanto no campo didático-metodológico quanto no levantamento das necessidades e das dificuldades que se apresentam para a realização das atividades.

Tanto o grupo de formadores quanto o de alfabetizadores (as) elaboram registros referentes às atividades educacionais realizadas no curso do processo de alfabetização, objetivando avaliar e refletir constantemente acerca da prática da apropriação da leitura e da escrita dos (as) alfabetizados (as), além da reflexão sobre suas próprias práticas alfabetizadoras, para uma melhor intervenção.

Desenvolvimento

O Núcleo de Educação Popular Paulo Freire - NEP, criado em 2002, é extensão do Programa de Educação de Jovens e Adultos iniciado na Universidade do Estado do Pará, em 1995, e desenvolve ações interligadas de ensino, pesquisa e extensão, centradas em torno de um eixo comum, a educação popular numa perspectiva Freireana. As suas atividades educativas são realizadas por Grupos de Estudos e Trabalhos, cujos integrantes são professores (as) e educandos (as) de diversos cursos da Universidade do Estado do Pará e de outras Instituições de Ensino Superior de Belém.

A gestão no NEP é coletiva e participativa, com reuniões sistemáticas para tomadas de decisões, planejamento e avaliação das atividades realizadas. Os educadores, em conjunto, participam da organização do espaço de trabalho, do material pedagógico, de consumo e de estudo (pequena biblioteca) e dos eventos promovidos pelo Núcleo, bem como em seus Grupos de Estudos e Trabalhos do planejamento, execução, avaliação e dos relatórios das atividades pedagógicas. As produções de materiais educativos, as publicações e as apresentações de trabalhos em eventos são, também, ações coletivas.

O Programa de Educação de Jovens e Adultos atende demandas emergentes de espaços institucionais cuja população é excluída do direito à educação escolar e ao exercício pleno de sua cidadania.

Esses espaços são:

(1) os *ambientes hospitalares*, nos quais encontramos pacientes albergados, de modo geral, provenientes do interior do Estado, que por sua condição de classe acrescida da de paciente em tratamento hospitalar, não têm acesso ao saber escolar;

Nossos educandos, advindos em sua maioria do interior do Estado, são jovens, adultos e idosos, mulheres e homens das classes populares, acometidos por uma enfermidade estigmatizada socialmente, que enfrentam inúmeras dificuldades, inclusive a financeira; têm que se deslocar para Belém em busca de tratamento, sendo desafiados constantemente face à triste realidade vivenciada no Hospital e na Associação. Realidade dolorida pelos tratamentos, pela discriminação social, pelas dificuldades financeiras e afetivas. Realidade carregada por um sombrio sentimento de morte “circulando entre corredores e salas de espera (OLIVEIRA et al, 2004, p. 16).

(2) *centros comunitários*, cuja população idosa tem se apresentado como demanda crescente, cujo objetivo não é a inserção no ensino regular, mas a possibilidade de exercer a sua cidadania com dignidade;

O grupo de pessoas com que trabalhamos integra um centro comunitário, cuja ação está orientada para a distribuição de pequenas quantidades de alimentos aos associados, que vivem em condições sociais miseráveis, típicas das periferias de Belém. Desempregados ou atuando em campo de trabalho informal, o cotidiano dessas pessoas é marcado pela violência, tanto física (agressões, assaltos, estupro), quanto simbólica (humilhações, castrações, processos de alienação) e pela precariedade nos serviços públicos básicos, como saúde, saneamento básico, educação e transporte (LIMA et al, 2004, p. 48).

(3) *comunidades rurais e ribeirinhas*, localizadas próximas a rios, cuja população vivencia situação precária de habitação, saúde, educação, entre outras.

Dentre os traços característicos afins nessas comunidades, observamos, por exemplo, que inexistem saneamento básico; água tratada; unidades de saúde; energia elétrica (a energia quando existe, é transmitida por meio de geradores a óleo ou à bateria). As estradas, principalmente em relação às comunidades do S e do São Bento, são precárias, de piçarra, cheias de ladeiras e de buracos. O transporte, quando existe, é a bicicleta, raramente a moto, a montaria e o barco. A habitação também é precária; a educação escolar, quando existe, vai da 1ª a 4ª séries somente, realizada, por meio das escolas multisseriadas (CORRÊA 2004, p. 30).

É importante destacar-se que pessoas jovens e adultas com necessidades educativas especiais também estão incluídas nestes espaços institucionais de atendimento do Programa Educação Popular de Jovens e Adultos.

Nosso educando Pedro, um jovem da periferia de Belém [e que apresenta necessidades especiais] (...), quando chegou ao grupo apresentava agressividade com alguns educadores populares e outros educandos, mas esta problemática comportamental foi sendo superada em nosso fazer-pedagógico, realizado por meio do diálogo e dinâmicas de grupo, que suscitam o respeito ao outro, cooperação, afetividade e amizade (OLIVEIRA, 2004, p. 150-1).

Atualmente o Núcleo conta com a participação de 42 educadores, e de 2002 a 2005, atendeu em suas turmas de alfabetização 408 pessoas jovens, adultas e idosas. Em 2006, estenderá suas ações educativas em Belém e para os municípios de Moju, São João da Ponta e Benfica, esperando-se atender aproximadamente umas 300 pessoas.

O Programa Educação Popular de Jovens e Adultos desenvolve as seguintes ações:

- *Oferta de turmas de alfabetização* de pessoas jovens, adultas e idosas em comunidades periféricas e hospitalares na cidade de Belém e em comunidades rurais e ribeirinhas no Município de São Domingos do Capim;
- *Formação de educadores* em Belém e em São Domingos do Capim.
- *Assessoramento e acompanhamento pedagógico* aos alfabetizadores nas turmas de alfabetização em Belém e no interior do Estado, bem como no processo de inclusão dos alfabetizandos nas redes de ensino.
- *Produção e publicação de materiais pedagógicos* para serem utilizados nas turmas de alfabetização e nas formações dos educadores populares.
- *Produção de conhecimento* no campo da educação de jovens e adultos e publicação dos resultados das pesquisas.

As pesquisas são realizadas pelo Núcleo de Educação Popular Paulo Freire por meio Grupo de Pesquisa em Educação Popular, que envolve estudos no campo de educação de pessoas jovens, adultas e idosas, entre outros, contando com bolsistas do Programa de Educação de Jovens e Adultos.

O Grupo de Pesquisa em Educação Popular conta atualmente com 17 pesquisadores e 19 estudantes participantes nas 05 linhas de pesquisa:

1) *Educação Popular de Jovens e Adultos*, com o objetivo de realizar estudos no campo sobre a educação de pessoas jovens, adultas e idosas, visando fomentar a formação de educadores, a integração teoria e prática pedagógica e a articulação universidade e as comunidades urbanas e rurais com o intuito de enfrentar o analfabetismo;

2) *Educação Popular Infantil e Escolarização Básica*, com o objetivo de realizar pesquisas na área da educação popular com crianças, visando articular a universidade e escolas públicas e comunitárias com a intenção de melhorar a qualidade do ensino e promover a inclusão social;

3) *Educação Popular e Saúde*, que objetiva analisar os fatores socioculturais que influenciam nos indicadores de saúde pública, assim como, o processo saúde-doença da sociedade contemporânea. Mapear os saberes e as representações de saúde-doença entre educadores e alfabetizandos, visando a formação continuada dos alfabetizadores. Mapear riscos e mitos do processo saúde-doença entre a população com vistas à produção/promoção de práticas educativas em saúde;

4) *Educação Popular na Amazônia Rural*, com o objetivo de realizar pesquisas na educação do campo paraense e amazônico que contribuam para identificação da realidade social e educacional do campo e para afirmação da diversidade étnica, cultural e social das populações da região, bem como o enfrentamento do analfabetismo;

5) *Educação Inclusiva*, com o objetivo de investigar o processo educacional e pedagógico de inclusão escolar do educando com necessidades especiais, buscando identificar e propor ações educativas que favoreçam a educação para a diversidade e a inclusão social.

Desde sua criação, em 2002, o Grupo vem crescendo e ampliando suas produções envolvendo pesquisas institucionais tais como:

1) «Cartografias dos saberes: representações de alfabetizandos de comunidades hospitalares e periféricas de Belém e rurais-ribeirinhas de São Domingos do Capim sobre a cultura amazônica» (CNPQ, 2005-2006).

2) «Inventário de Experiências de Educação do Campo» (Programa EducAmazônia. UNICEF, 2005-2006)

2) «Para repensar a práxis alfabetizadora: representações sobre religiosidade de alfabetizandos do NEP-CCSE-UEPA» (UEPA, 2004-2005);

3) «Inclusão escolar nas redes de ensino municipal e estadual em Belém do Pará» (Trabalho encomendado pela ANPED. UEPA, 2004);

(4) «Pesquisa sócio-epidemiológica na AVAO» (UEPA, 2004);

5) «Saberes, imaginários e representações presentes nas práticas sociais cotidianas de jovens, adultos de comunidades ribeirinhas do Município de São Domingos do Capim» (UEPA, 2003);

6) «A Política de Educação Especial da Região Norte» (Trabalho Encomendado pela ANPED. UEPA, 2003).

Entre essas pesquisas três fazem parte de um Projeto denominado de «Cartografias dos saberes», envolvendo o mapeamento dos saberes dos educadores e dos alfabetizados do Núcleo, visando conhecer os atores educacionais e sua realidade social e cultural bem como possibilitar a reflexão sobre a prática alfabetizadora desenvolvida nas diferentes comunidades e populações da Amazônia.

As atividades de ensino e de pesquisa estão interligadas em torno de um objetivo comum: a inclusão social e cultural das populações periféricas, hospitalares e rurais-ribeirinhas atendidas pelo Programa. As pesquisas realizadas possibilitam a compreensão dos saberes e práticas sociais dessas populações, fomentando suas atividades sociais, bem como o trabalho alfabetizador crítico que o Núcleo de Educação Popular desenvolve nessas comunidades, na medida em que viabiliza a reflexão sobre a sua própria prática educativa.

O mapeamento cartográfico dos saberes de alfabetizados jovens, adultos e idosos das comunidades rurais-ribeirinhas e de ambientes periféricos e hospitalares da cidade de Belém possibilitou tanto a compreensão da própria prática pedagógica desenvolvida pelo Núcleo como a construção de novas diretrizes, cujo ponto de partida foi a reflexão sobre a própria práxis dos educandos contextualizada na cultura e no espaço local.

No mapeamento nas comunidades ribeirinhas o olhar dos pesquisadores para o rio e a mata, como dimensões da territorialidade do espaço rural, e para a temporalidade vivenciada por estas comunidades através do trabalho, possibilitou a construção de cartografias dos saberes, como estratégia metodológica, o que contribuiu para o mapeamento de traços da história e da cultura dessas comunidades, mantidos pela comunicação oral, mas sem registro.

A *Cartografia* simbólica é compreendida como modo de imaginar-se e representar-se a realidade social. A utilização da cartografia permite a identificação das estruturas de representações dos diversos campos do saber sobre a realidade social (SANTOS, 2002).

O fato dos alfabetizados manifestarem representações e práticas religiosas durante as atividades pedagógicas e de existirem conflitos por motivos religiosos nos espaços educativos

que interferem nas relações intersubjetivas dos atores educacionais justificou não só a realização da pesquisa «Para Repensar a práxis alfabetizadora: representações sobre religiosidade de alfabetizadores do NEP/CCSE/UEPA, como também para que a religiosidade fosse olhada como parte da vivência cotidiana escolar e não somente uma matéria curricular.

Assim, a formação dos educandos associada ao ensino, à pesquisa e à extensão reflete de forma significativa em suas práticas escolares como discentes, na medida que suas experiências de leituras e de reflexão crítica sobre a realidade social das comunidades ribeirinhas ampliam sua visão de mundo e sua fundamentação teórico-metodológica sobre a educação.

Além das pesquisas institucionalizadas os educadores do NEP já desenvolveram em torno de 40 pesquisas em trabalhos de conclusão de curso (TCC), monografias, iniciação científica e dissertações.

Alguns destes estudos estão contidos nas seguintes publicações:

- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de e XAVIER, Mário Brasil (Orgs.) *Palavração em educação de jovens e adultos*. Belém: CCSE-UEPA, 2002
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). *Cartografias Ribeirinhas: Saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizandos amazônidas*. Belém: CCSE-UEPA, 2004.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). *Cadernos de Atividades Pedagógicas em Educação Popular: pesquisas e práticas educativas de inclusão social*. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

A base destas publicações são artigos produzidos pelos educadores sobre problemáticas vivenciadas nas práticas alfabetizadoras e de assessoramento a educadores nas formações com as comunidades ribeirinhas, bem como de suas pesquisas e textos produzidos pelos alfabetizandos.

Essas produções são utilizadas nas formações dos educadores e algumas delas tem sido referência para pesquisa no âmbito da universidade, principalmente, em dois campos novos da educação de pessoas jovens e adultas: o ambiente hospitalar e a educação do campo na Amazônia Paraense.

O Núcleo/Programa realiza em Belém e nas comunidades rurais-ribeirinhas eventos (Jornada Paulo Freire, Seminários Temáticos e Seminários de Educação do Campo) para socializar o seu trabalho educativo e as suas produções, constituindo-se, também, em *locus* de formação ao promover, além de palestras e mesas redondas, cursos e oficinas. Nestes eventos o Grupo de Teatro, criado em 2004, faz as suas apresentações, incluindo algumas místicas, tendo como referência o Teatro do Oprimido de Augusto Boal.

Sustentabilidade

O Núcleo/Programa foi institucionalizado na Universidade do Estado do Pará ao ser aprovado nas instâncias colegiadas superiores, mas é a prática coletiva democrática, desafiadora e de comprometimento com as classes populares na luta pelo seu processo de inclusão social, que vem mantendo, apesar de seus poucos recursos, e em caráter voluntário, os (as) educadores (as) no Programa de Educação Popular de Jovens e Adultos.

Além disso, o Núcleo/Programa está consolidado na Universidade pelas pesquisas produzidas, pelas publicações e pelas práticas alfabetizadoras construídas no processo de reflexão-ação de seus atores.

A expansão do Núcleo/Programa é evidenciada pelo (a):

a) aumento do nº de participantes. Em 2002 participavam 25 educadores de um único curso da Universidade, Pedagogia, e em 2006 são 42, envolvendo os cursos de Pedagogia, Formação de Professores, Matemática, Ciência da Religião, Terapia Ocupacional, Educação Artística;

b) crescimento das linhas de pesquisa, de 02 em 2002, para 05 em 2006; e,

c) expansão das turmas, de 03 em 2002 para 07, o nº de turmas previstas a serem ofertadas em 2006, em face da aquisição de novos recursos pela aprovação de um projeto no MEC.

O Núcleo/Programa atualmente, integra o projeto «EducAmazônia: construindo ações inclusivas e multiculturais no campo», em parceria com outras instituições do Estado como o Museu Emílio Goeldi, a Universidade Federal do Pará e a Secretaria Estadual de Educação, com financiamento do UNICEF.

O Núcleo/Programa, também, vem sendo objeto de estudo por pesquisadores locais em trabalhos de dissertações, monografias e de conclusão de curso.

Indicadores de Avaliação

- A população atendida constituída por segmentos sociais excluídos do direito do acesso a educação e que vivem ou circulam em ambientes não atendidos por instituições educativas governamentais ou não governamentais, como os albergues hospitalares, as associações voluntárias com pacientes de câncer, as pessoas idosas e as comunidades ribeirinhas.
- O trabalho do Núcleo/ Programa de Educação Popular de Jovens e Adultos que objetiva manter a autonomia das comunidades envolvidas. Nas comunidades ribeirinhas os educadores que atuam nas turmas de alfabetização são locais e procura-se consolidar uma base de fomento a educação, envolvendo a Secretaria Municipal, os Movimentos Sociais e a própria população ribeirinha, por meio de formação contínua, seminários, assessoria, entre outras.
- A formação contínua, na qual todos os educadores do Núcleo/Programa são partícipes, ampliando-se a formação para outros segmentos da Universidade e de outras instituições.
- A gestão democrática, constituindo-se o Núcleo/Programa um espaço de decisões e ações coletivas. Os educadores em formação desenvolvem além da prática pedagógica alfabetizadora atividades de organização administrativa, apresentações do Programa em eventos, participação na organização dos eventos produzidos pelo Programa e assessoria pedagógica, entre outras.

Considerações Finais

O Programa de Educação Popular de Jovens e Adultos desde 1995, ainda como Projeto e após 2002, como Núcleo, vem se constituindo como um *locus* de formação permanente, porque permite aos educadores ultrapassarem os espaços das salas de aulas e vivenciarem nas comunidades experiências pedagógicas que fomentam a sua formação teórico-prática.

As produções dos educadores refletem essa formação e o comprometimento com a população envolvida, na busca de compreender os seus saberes, imaginários e suas práticas sociais para melhor desenvolverem as suas ações educativas.

Esse engajamento com a realidade social amazônica é também motivador para o aprofundamento teórico de autores da educação popular e de outras temáticas que lhes possibilite compreender a sociedade globalizada, a população e a cultura local.

Apesar das dificuldades financeiras em não ter como manter um sistema de bolsas regular aos seus educadores, que trabalham de forma voluntária, é o comprometimento ético-político com as classes populares e com a luta em favor da educação para todos, que mantém vivo e cada vez mais crescente em termos quantitativos e qualitativos o Núcleo/Programa.

As práticas alfabetizadoras desenvolvidas com pessoas jovens, adultas e idosas apresentam um caráter inovador, em primeiro lugar, pelos *espaços de atuação*: albergues e associações em ambientes hospitalares, comunidades periféricas urbanas e comunidades rurais-ribeirinhas, cuja população é excluída do atendimento escolar tanto por instituições da rede regular de ensino como por entidades de movimentos populares. Em segundo, pela *produção de novas metodologias*, considerando-se a flexibilidade curricular e metodológica vigente no Programa. Cada Grupo de Estudo e Trabalho, seguindo as diretrizes pedagógicas do Núcleo, constrói a sua metodologia de trabalho, considerando a especificidade da comunidade atendida. Por isso, as produções do Programa sobre a educação de jovens, adultos e idosos vêm sendo utilizadas por educandos de Cursos de formação de professores, pela carência de informações sobre a educação hospitalar e a educação do campo na Amazônia Paraense.

Caracteriza-se, então, esse Programa como uma *Pedagogia Social*, isto é, pedagogia que não está restrita ao espaço escolar, mas amplia e integra suas ações com as comunidades e os movimentos sociais populares compreendidos como espaços educativos e de participação popular. Pedagogia engajada política e eticamente com as problemáticas sociais destas populações, na luta pela inclusão social, implicando em *crítica*, *opção* e *decisão* (OLIVEIRA e MOTA NETO, 2004).

Bibliografia Utilizada

ALVES, Rubem. **O prazer da leitura.** Disponível no site: <http://rubemalves.uol.com.br/hall/wwwpct2/newfiles/oprazerdalei.php>, em 11.03. 2003.

CORRÊA, Sérgio. Trabalho, saberes, identidades e tradições nas comunidades rurais-ribeirinhas. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org). **Cartografias Ribeirinhas: Saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas.** Belém: CCSE-UEPA, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: UNESP, 2001.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho D'Água, 1993^a.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993b.

_____ e MACEDO, Donald. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____ e SHOR Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____; GADOTTI, Moacir e GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985a.

_____; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985b.

_____ **Pedagogia do Oprimido.** 12e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____ **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Editora Autores Associados: Cortez, 1982.

LIMA, Adriane et al. Diálogo, conscientização e autonomia no processo pedagógico de inclusão social. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org). **Cadernos de Atividades Pedagógicas em Educação Popular: pesquisas e práticas educativas de inclusão social.** Belém: CCSE-UEPA, 2004.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de e MOTA NETO, João. Saberes educacionais de alfabetizando de Comunidades Rurais-Ribeirinhas: construindo uma Pedagogia Social. In: **Anais do I Seminário do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação (CD-ROM).** Belém: CCSE-UEPA, 2004.

OLIVEIRA, Kássia et al. Educação em ambiente hospitalar: a complexidade vida-morte. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org). **Cadernos de Atividades Pedagógicas em Educação Popular**: pesquisas e práticas educativas de inclusão social. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

_____ Desafios da inclusão de jovens e adultos que apresentam necessidades especiais em escolas de Belém do Pará. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org). **Cadernos de Atividades Pedagógicas em Educação Popular**: pesquisas e práticas educativas de inclusão social. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA. Ezequiel Theodoro da. **Os (Des) caminhos da escola**: traumatismos educacionais. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.